

LITERÁRIO



Parte integrante do Diário Oficial de Porto Alegre - Edição 2519 de 29 de abril de 2005

Abril: Mês do Livro



Entrevista:
Maria Carpi



Leia também:

Crônica:
**José Eduardo
Degrazia**

Conto:
**Sergio
Napp**

LITERÁRIO

CRÔNICA

EDITORIAL

Pode-se, sem medo, afirmar que abril é um mês privilegiado para a literatura. Ainda que distante de nosso maior evento, e da América Latina, a Feira do Livro, é no outono para os lados de baixo do Equador e verão para os de cima, que o livro tem o seu dia. A data é mundial: 23. Neste ano, um sábado. A razão encontra dois nomes sagrados para o conhecimento. É que em 1616 morreram William Shakespeare e Miguel de Cervantes. Quem ao longo dos seus dias não leu uma obra do inglês ou se não leu pelo menos ouviu falar em Dom Quixote de la Mancha e seu fiel escudeiro Sancho Pança? Ambos, cada um construiu uma sólida escrita que não conhece os limites do tempo e continuam sendo atuais. Não bastasse a homenagem aos dois grandes escritores, o Suplemento faz uma interessante visita a mais outros dois criadores: o brasileiro Monteiro Lobato e Hans Christian Andersen. A pergunta feita ali em cima vale para ambos. O brasileiro talvez seja o primeiro autor de gerações inteiras de leitores infantis, e o dinamarquês é um dos criadores desse tipo de literatura, a que olha o universo infantil com a toda a sua fértil imaginação. E descobrimos outra curiosidade: Andersen nasceu em 02 de abril e Lobato no dia 18. Aliás, no Brasil, nesta data é comemorado o Dia Nacional do Livro Infantil.

Começamos neste número uma série de pequenas matérias chamadas O Mapa da Mina. O objetivo é mostrar para os leitores os lugares de nossa Cidade onde os livros podem ser encontrados. Quatro tradicionais indicações abrem a primeira delas, e a partir de maio serão várias outras livrarias, sebos, bancas, bibliotecas que estarão sendo mostradas.

Nas páginas centrais, uma entrevista com a poeta Maria Carpi mostra o porquê de ela ser a maior voz feminina da poesia. Ao lançar o seu oitavo livro, *As sombras da vinha*, a gaúcha de Guaporé revela sua alma sensível e oferece três poemas inéditos para serem degustados como um bom vinho. Para quem gosta de conto, a última página reserva outra inédito. *Despertares da lavra* do escritor e compositor Sergio Napp é muito mais que um presente. Texto instigante, de leitura despojada, o leitor estará sendo envolvido pelo talento de Napp.

E tem a crônica de José Eduardo Degrazia. O título indica o caminho: *Na biblioteca do meu pai*. O poeta e contista, que nas horas vagas é oftalmologista de primeira linha, conta parte de sua vida e da sua relação com os livros. E ressalta a importância da criação de bibliotecas para a formação de leitores, para o acesso aos livros.

Como ainda achamos que é muito pouco, na página três há sugestões de leitura para todos os gostos. Abril, sem dúvida, um mês e tanto. Aproveite os meses que estão chegando, abra um espaço em seus horários e reserve uma hora diária para a leitura. E mais, incentive seus amigos. Vale a pena viajar pela imaginação e descobrir novos mundos imaginários ou não.

Na Biblioteca do Meu Pai

José Eduardo Degrazia*

Há três gerações, no mínimo, que a família convive com os livros. Mas não só uma convivência esporádica, da leitura eventual de algum livro da área profissional, mas sim a convivência do amor arraigado dos leitores que sabem que o livro além de ser um objeto estético e colecionável, é uma forma de preservar o pensamento da humanidade, a beleza de suas criações poéticas e o conhecimento prático dos cientistas e dos trabalhadores nas diversas técnicas. Mas não é só isso ainda, é convivência com o livro nas grandes bibliotecas familiares, onde centenas de livros convivem numa harmonia aparente de pensadores e criadores nem sempre comungantes das mesmas posições filosóficas e ideológicas. Livros emparelhados nas prateleiras de madeira ou metal, prontos para serem tirados à luz, para serem trazidos ao mundo vivo do coração e da razão

Na casa do meu avô, um advogado que chegou a ser o mais velho em atividade no Rio Grande do Sul, na pequena cidade fronteiriça, encontrava quando ia passar as férias uma biblioteca de autores do mundo inteiro. Os velhos livros pesados de Balzac e Dostoiowski, a poesia de Dante e de Camões, os poetas brasileiros das várias escolas com a preferência nos românticos, e a filosofia principalmente a francesa. Uma babel de livros que eu alternava com os banhos no Rio Uruguai e os bailes no clube Comercial.

E na casa do meu pai, médico, um leitor eclético, com seus livros profissionais, os filósofos da Grécia e de Roma, os evolucionistas e os poetas italianos e portugueses. Um exemplo de leitor incansável, a mente aberta para a pesquisa e para o deleite. Livros, livros à mão cheia, como dizia Castro Alves, assim me criei.

E fui montando a minha própria biblioteca, desde os meus nove, dez anos, os livros da coleção Terra, Mar e Ar, aventuras, romances de capa e espada, policiais, Monteiro Lobato e os poetas, livros de iniciação à ciência e música, biografias de grandes homens, livros que guardava numa pequena escrivaninha de estudos. Alguns desses livros, ainda me acompanham até hoje, e com carinho eu os revisto, meus amigos, meus irmãos de tanto tempo.

E a minha biblioteca foi crescendo ao longo de quarenta anos, ao ponto de chegar a três locais diferentes para guardá-la. A minha casa, onde ficava toda a literatura e a história, a casa da minha sogra – pois é a minha sogra foi guardião foi guardião dos meus livros – onde armazena os livros de política, economia e filosofia, e o meu consultório onde guardo os meus livros médicos

Portanto, convivi a minha vida inteira com as bibliotecas e com leitores familiares e apaixonados que passavam para as novas gerações o prazer da leitura. Este gesto de ler e proporcionar à criança o acesso ao livro é um dos grandes encaminhamentos na vida, para o estudo e para o prazer do conhecimento e a fruição da beleza através do texto dos grandes autores. Mas o que queria lembrar aqui foi o meu primeiro encantamento com o objetivo livro. Foi na casa do meu pai, em sua vasta biblioteca de livros de colecionador, raros e pesados, obras únicas em sua feitura de datas antigas, livros de outros séculos que monges devem ter lido nos seus monastérios. Eram livros de capas escuras e grandiosas, livros com desenhos e pinturas, fotografias antigas e sempre novas do mundo. Uma biblioteca assim, era pra mim, menino, um acontecimento, uma verdadeira porta aberta para a fantasia.

Meu pai tirou do grande armário de madeira escura um pesado livro de capa dura, do século XIX. Uma rara enciclopédia francesa das ciências. Colocou-o nas minhas mãos e ficou alegre vendo o meu espanto diante daquele livro imenso, cheio de figuras belas e estranhas, e eu, que mal sabia ler, e não conhecia o francês, ficava ouvindo o pai traduzir as histórias daquelas experiências magníficas, com suas luzes e raios e metais, e as viagens dos exploradores nas selvas e nos pólos gelados. Mas o que mais me abriu os olhos diante da beleza foi um desenho perfeito de uma bolha de sabão, colorida, protegida por uma fina folha de papel de seda. Aquela bolha de sabão significou para mim a descoberta do livro. E até hoje, quando abro um livro que me encanta é a bolha colorida da minha infância que eu vejo, é a mesma bolha de sabão que eu assopro e sai pela janela, quem sabe uma outra criança a encontre e guarde no seu coração para sempre, como eu guardei até hoje a minha.

*Escritor e médico



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
Diário Oficial de Porto Alegre

LITERÁRIO

Prefeito Municipal: José Fogaça
Secretária Municipal de Administração: Sônia Mauriza Vaz Pinto
Secretário Municipal da Cultura: Sergius Gonzaga
Gerente do Diário Oficial: João Ludes Nodari

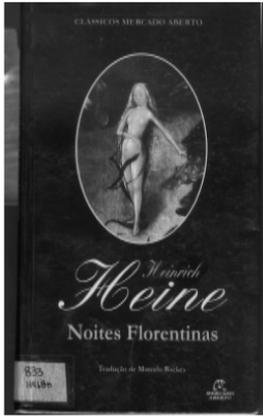
Coordenador do Livro e Literatura: Arnaldo Campos
Editor: Fernando Rozano
Técnicas em cultura: Maria Tereza Zatti e Rosane Maria Fluck

Coordenação do Livro e Literatura – Centro Municipal de Cultura e Lazer Lupicínio Rodrigues – Av. Érico Veríssimo, 307 – Cep. 90160-181 – Telefone 32216886 – suplementoliterario@smc.prefpoa.com.br

LITERÁRIO

RESENHAS

Noites florentinas



Esta novela concebida por um dos mais respeitados escritores alemães, Heinrich Heine, não tem propriamente um enredo. O protagonista Maximilian conta histórias à Maria no seu leito de morte. A narrativa se divide em Primeira noite e Segunda noite. Nesse tempo, o personagem discorre sobre seu desejo por estátuas, suas viagens, o teatro, a música, a dança, os ingleses e as inglesas, os franceses e as francesas, os alemães e as alemãs. A aparência, o comportamento, os amores e a cultura desses europeus.

Maximilian parece estar num camarote de onde vê e percebe tudo, entre o cinismo e a diversão. Como se a vida fosse, pelo menos do lado em que é por ele contemplada, uma grande comédia. Não poupa ninguém de sua ironia, mas põe num pedestal a beleza das mulheres italianas e inglesas e a graça das francesas.

Seu estilo é predominantemente descritivo, em que se destacam as passagens poéticas (com o devido crédito ao tradutor Marcelo Backes). Sobre um concerto de Paganini, seu grande ídolo, ele assim descreve a melodia:

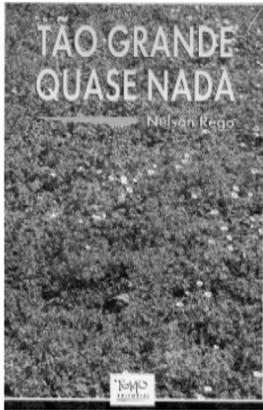
“Eram notas que se beijavam, se afastavam amuadas, e enfim voltavam a abraçar-se, rindo, e se extinguíam fundidas numa união embriagada.” (pág.57)

Mas não é só de poesia que ele tece sua linguagem. Há trechos de um sarcasmo radical: “Foi no Quartier Latin. Passava justamente em frente à Sorbonne, quando vi sair correndo de suas portas um cão, e atrás dele uma dúzia de estudantes armados de bastões, aos quais logo se juntaram duas dúzias de mulheres velhas, gritando em coro: “O cão está louco!” Mais adiante ironiza a Sorbonne, a mais famosa universidade francesa: “Estava de fato louco? Teria perdido o juízo de tanta sabedoria ao prosseguir seus estudos no Quartier Latin?” (pg. 104 e 105)

Livro para ler, reler e saborear. Uma só leitura não dá conta da riqueza da linguagem, as metáforas, a ironia e os comentários sobre arte e cultura. Estrutura moderna de narrativa, com utilização de recursos inimagináveis para o século dezanove. Heine viveu de 1797 a 1856, tendo influenciado Dostoiévski, Nietzsche e Brecht. Foi apreciado por Freud e Marx. (MTZ)

Noites florentinas – de Heinrich Heine- tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, 122 páginas. **Onde encontrar? Além das livrarias, na estante da Biblioteca Municipal Josué Guimarães, na Érico Veríssimo, 307, mesmo prédio do Teatro Renascença.**

Tudo ou Quase Nada



A experiência de vida em primeiro lugar. Antes, porém, vem toda uma vida em torno da adolescência, que também é uma vida. Todos sentem passá-la em suas peles, muitos sentem-na arrepiadas, outros preferem denominar de loucuras juvenis. Pouco importa definições, o que vale é o vivido. Esta memória é reconstituída a partir de histórias paralelas de personagens que tem tudo a ver um com o outro. A construção das vivências não acontece por acaso. E quando vão expondo cada uma suas vidas, desaparece a de Fernanda, mãe de Lara, namorada do narrador e amiga de Inocência. Com uma “trilha sonora” de dar vontade de largar o livro para escutar os Beatles, em especial The long and winding road, o verdadeiro tema de Lara, a reconstituição da vida de Fernanda, o nascimento da filha vão se entrelaçar com a realidade brasileira dos anos cinqüenta para cá. Sem meias palavras, Nelson

Rego penetra em um universo em que as personagens compõem a memória coletiva do brasileiro-testemunha de tudo o que o País aos longo das últimas década e seus reflexos. Passa pelos sentimentos mais humanos como o amor, a sexualidade, a ousadia, o medo. Até chegar o momento em que cada deixa de inventar-se a si mesmo para assumirem-se como pessoas. Todos os laços vão sendo revelados, alguns fortalecem outros são desatados e o que fica, bom, o que fica é a sugestão de ler o livro do início ao fim, sem parar, não sem antes colocar no cd player discos do quarteto de Liverpool, apertar a tecla repeat e se permitir de vez em quando parar um pouco e ouvir, por exemplo, o Rubber Soul sem concessões. (FR)

Tão grande quase nada – Nelson Rego – Tomo Editorial – 158 páginas.

Esopo e Ruth Rocha: um encontro atemporal



Esta publicação infanto-juvenil reúne fábulas criadas por Esopo e revisitadas por Ruth Rocha, consagrada escritora de literatura para jovens e crianças.

Só para lembrar: Esopo foi um escravo que nasceu em Amerium, Ásia Menor, e viveu de 620 a.C. a 560 a.C., sendo autor de muitas fábulas, gênero de narrativa cujos personagens são animais humanizados. É um clássico da literatura infanto-juvenil que influenciou vários autores, inclusive La Fontaine.

Quem não se lembra de A raposa e as uvas? E a história da cigarrinha que cantava enquanto a formiga trabalhava? Será que cantar não é também trabalho? São histórias que povoam o imaginário de crianças e adultos, ouvidas e lidas na família e na escola. Esta confluência de um autor da Era pré-cristã com uma autora do nosso século é uma das maravilhas da literatura, facilitada pela escrita.

Por que Ruth Rocha se encantou e resolveu reescrever as fábulas de Esopo? Ela diz que costuma contar histórias criadas e aprendidas. No caso das fábulas, são histórias aprendidas. É um gênero que continua fazendo sucesso, porque trabalha bem o imaginário infantil, lida com a questão do bem e do mal e sempre oferece uma conclusão sobre o comportamento humano, apesar de os personagens serem animais. A ilustradora Claudia Scatamacchia é co-autora, pois narra os fatos em linguagem não-verbal, com um traço competente. O que poderíamos colocar em debate é, em que medida é bom contar histórias pedagógicas e moralistas para as crianças. A literatura deve ter também este papel? É uma boa polêmica. (MTZ)

Fábulas de Esopo. Texto: Ruth Rocha Ilustrações: Claudia São Paulo:FTD, 1992. **Onde encontrar? Na Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães.**

O Perdido



Para quem imagina ou ainda acredita que a literatura alemã resume-se somente aos autores clássicos os últimos anos têm revelado uma nova geração de escritores. Não bastasse o pós- Guerra, duas vezes, e o mais recente pós, a queda do Muro de Berlim reacendeu o vigor literário germânico. O que estava escondido do lado de lá, entre as pedras do silêncio e do medo, estão hoje em incontáveis páginas de romances, novelas e outras expressões da arte. Se antes, limita-se a um mergulho para o interior de almas atormentadas não apenas por um limite físico, mas em uma cadeia de lento aniquilamento psicológico, agora surge dessas cinzas ainda uma chama recuperando parte do confinamento. A memória é recente demais para ser esquecida. Talvez jamais deva ser esquecida. A nova geração alemã não poupa palavras. É direta, é sutil, tem força narrativa e concentra-se também nas contradições que o novo modelo político mostra e demonstra na prática. Contradições, pode o leitor perguntar. Sim, contradições, porque há pelo lado oriental quem acredita no antigo *statu quo* e o papel a ele reservado em uma sociedade em nível teórico igualitária. Mas, são nas reminiscências da infância que Hans-Ulrich Treichel foi buscar o enredo do romance *O perdido*. O cenário é a Segunda Guerra e de lá chegam os ecos que povoam sua infância. Seus pais entregaram, quando em fuga, o primogênito a outra pessoa. O caçula, anos mais tarde, sempre havia acreditado em sua morte daqueles anos de horror. Ao saber que Arnold está vivo inicia alucinada busca pelo irmão mais velho. Ao narrar a história Treichel diseca o ambiente familiar e todas as nuances. Desde a ascensão social até as crises de depressão da mãe, que aos poucos vai perdendo suas forças com os sucessivos fracassos na busca por Arnold. O narrador não é ninguém mais que o próprio irmão do filho perdido. Deixado de lado, sofre com a realidade e com o fantasma chamado Arnold. É a partir destes vários conflitos que aparece uma Alemanha em construção, procurando curar suas feridas, muitas delas não cicatrizadas, mas que fez uma opção: o futuro em troca do passado. Valeu a pena? A leitura do romance deste premiado autor instiga o imaginário, leva-nos a uma profunda reflexão sobre os dias de hoje e, sobretudo, na relação psicológica no enfrentado com a própria história. Treichel esteve na 50ª Feira do Livro de Porto Alegre, em 2004. (FR)

O perdido – Hans-Ulrich Treichel – Companhia das Letras, 113 páginas.

Relato de um certo Oriente



Em Manaus, “um certo Oriente”: uma família de imigrantes libaneses revelada pelo olhar da personagem-narradora. Os costumes, a gastronomia e o idioma estranhos se misturam ao cenário úmido e exótico da cidade, ao cotidiano dos pequenos comerciantes da loja Parisiense. Relato de uma mulher que regressa a Manaus após longa ausência e reconstrói sua vida através das lembranças. Através delas, fragmentos da vida familiar emergem e revelam identidades. O caminho já percorrido é, bem ou mal, o que somos e conseguimos fazer.

As personagens orientais são fortes: Emilie, a matriarca, que desejava ficar no convento, mas foi impedida por uma chantagem do irmão; Emir, que se suicida levando consigo uma orquídea.. Há outras figuras fortes como o fotógrafo alemão, testemunha desse fato e de outros, captando com um olhar único a vida que se revela e se esconde.

Esta viagem da protagonista é menos regresso à terra natal e mais uma incursão na memória, nos mistérios da vida e da morte, nas diferenças culturais e religiosas, barreiras e, ao mesmo tempo, atração entre as pessoas. A procura de si mesma se dá na reconstrução da vida desde a infância, nas relações familiares, nas mortes violentas, no amor e no ódio. É a procura de um mundo perdido, onde Oriente e Ocidente se encontram, e as lembranças tecem as vidas que, mesmo fugazes, permanecem, enquanto houver memória e desejo de reencontro: nos lugares, nos objetos, na fotografia, na palavra. Enquanto houver alguém que escreva para que possamos encontrar e reencontrar.

Um livro denso e instigante, surpreendente pela juventude do autor, na época com 37 anos.(MTZ)

Relato de um certo Oriente Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 166 páginas – **Onde encontrar? Na Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães.**

Coisas da vida



Quem não cresceu ouvindo que para conquistar a paz é necessário várias guerras. A História é o registro de um fantástico arsenal bélico que, ao contrário de atingir a paz, estimulou ainda mais a fúria pela conquista, e, às vezes, pelo prazer de matar o próximo. Tornou-se comum, nos dias de hoje, a guerra ser tratada como um videogame, expressões como ataque cirúrgico passaram para o vocabulário dos especialistas e a sensação de que diminui o número de mortos é cada vez maior. Tanto quanto destruir a soberania dos povos. Assim caminha a humanidade. Para um fim catastrófico, apesar dos apelos pacifistas e do horror sendo depositado em casa todos os dias. *Matadouro 5* é um livro surpreendente. Escrito pelo norte-americano Kurt Vonnegut, o romance ultrapassa os limites da fantasia, embora se valha dela, para lançar uma história cujo centro é destruição da cidade de Dresden. A Alemanha nazista testemunhou a morte de 135 mil pessoas, número dobrado das vítimas de Hiroshima. Tudo vai sendo narrado por Billy

Pilgrim, que começa a deslocar pelo tempo dentro do tempo em que viveu a sua vida. Assim, como soldado da Segunda Guerra, prisioneiro assiste ao bombardeio da cidade alemã. O livro, no entanto, não se resume ao contar como foi o bombardeio, mas ingressa para além desses muros muitas vezes silenciosos. Penetra na crítica de uma sociedade comum à maioria delas, viciada, conservadora, hipócrita e, talvez, mais bélica que o próprio exército. Ao traçar uma outra história envolvendo o planeta Tralfamador, Billy constrói um universo paralelo, doentio e pacifista. Kurt escreveu *Matadouro* em plena Guerra do Vietnã. Coincidência ou não, fazer um entrelaçamento entre o significado das guerras e seus efeitos sobre o homem ao longo da História é um exercício incansável para que um dia depois de a Terra ser destruída algum dos sobreviventes possa dizer: “Coisas da vida”. Leitura de fôlego e indispensável. (FR)

Matadouro 5 – Kurt Vonnegut – L&PM Pocket – 226 páginas. R\$ 15,00.

LITERÁRIO

“Escrever poesia é aguçar os sentidos e fazer-se palavra”



ca. Mais tarde, no internato do Bom Conselho, já em Porto Alegre, ocorriam-me coisas que eu julgava serem poesia escrita. Mas, a poesia realmente veio-me com a maturidade. Entre 36 a 37 anos. Percebi que o escrito transpunha a exígua gaiola de ossos de meu corpo e abria asas. Era, como bem dizes, “expressão de vida”, algo que nos ultrapassa.

SL - Escreves o que vives, a poesia. O que é viver ou ser poesia?

Poesia é muito mais que um verbete no dicionário. Tem nome próprio, deixa de ser substantivo feminino, ganha forma, traços, vida. E tem um sinônimo escrito em letras maiúsculas: Maria Carpi. Com elas, poesia e Maria, o Suplemento Literário conversou e em nossas páginas revelam-se inteiras através da palavra escrita.

SL - Como foi teu primeiro contato com a Literatura?

MC - Os livros vieram-me depois das “estórias” que passavam de boca em boca pelas pessoas que me cercavam. Elas transportavam-me para outro patamar, o da possibilidade. Gostava de que me repetissem o que já tinha ouvido, pela surpresa da diferença, pois cada um acrescentava um pouco de seu próprio assombro. O que mais me fascinava era o relato de “fatos”, algo que não fosse invenção, que alguém realmente presenciara, algo ocorrido no tempo, mas extraordinário. Ambos os meus pais eram peritos nesse assunto. Depois, na modesta biblioteca do colégio de minha infância, foram-me apresentados Antônio de Castro Alves e José de Alencar. Enamorei-me apaixonadamente pelo primeiro e rodopiei no enxame de palavras novas do segundo. Mas, antes mesmo de aprender a ler, folheava sobre os joelhos um precioso volume, em italiano, da *Divina Comédia*, com gravuras de Gustave Döré. E assim, descia penosamente aos infernos, ajuntava-me as almas penadas do purgatório e, finalmente, ascendia ao paraíso de mãos dadas com Beatriz, sempre ladeada por um circunspecto senhor, de nome Virgílio, com a cabeça coroada de olivos. O mesmo que ensinara a Dante o caminho das estrelas.

SL - Onde começa, em tua vida, a poesia como expressão da vida?

MC - Lembro-me de que eu tinha um “caderno de canções”. Como era algo diferente do usual, cantarolava os escritos, muito mínimos e sem nenhuma pertinência artísti-

MC - Escrever poesia é apurar o ouvido. Apurar o ouvido é aguçar todos os sentidos e fazer-se palavra. Estar atento na distração de sonhar, de abrir brechas, para a água passar. Vivo mais, vivo melhor, quando sou um conduto dessa possibilidade no cotidiano da existência.

SL - A experiência como advogada, professora, na Defensoria Pública, o quanto essas vivências tornaram-se influência em tua escrita?

MC - Todo serviço, por mais humilde que seja, representa nossa participação social e o encontro com o rosto amigo, ou do estranho, também ingressa na escrita e participa do diálogo com a vida. Como professora sempre me empenhei em criar junto com os conteúdos dados, espaços para o direito de sonhar e como defensora pública tive a alegria de trabalhar na implantação do Estatuto dos Direitos da Criança e do Adolescente, o mais belo poema social que a sociedade organizada escreveu.

SL - Por que começastes a publicar tarde, ou a publicação chegou na estação certa?

MC - Eu queria ter algo a dizer que inaugurasse um sentido, queria dar uma visão de mundo através da poesia. Então, era necessário trabalhar comigo mesma, como se afinasse um instrumento. Quando lancei *Nos Gerais da Dor*, já estava com 15 textos prontos. Aquele, o último que escrevera, era uma dívida com o sofrimento humano. Parecia-me ser a “estação certa”, da árvore com seu fruto. A interlocutora também tinha amadurecido com a palavra proferida.

SL - Ao trabalhares o ciclo das vinhas, trabalhas também o ciclo dos homens?

MC - A poesia, por metáforas, por analogias substanciais, faz esta transposição de um tema para outros contextos e através de um outro olhar, descortina paisagens até então desconhecidas. Estabelece com a videira uma mediação com o homem e sua labuta, tanto no ofício de viver como o de sonhar e eis o vinhador caminhando.

SL - A maturação até chegar ao vinho não é o mesmo tempo do homem amadurecer, então, como sobreviver com as estações e seus ciclos sendo destruídos cotidianamente? A poesia é o caminho?

MC - Há toda uma liturgia das uvas, desde o amaino da terra até a sagração do cálice. Esta é a grande força humana: sobreviver à violência e à ganância. A cada dia, a cada hora, sobreviver a tudo e a si mesmo. A poesia é justamente a teimosia do ser, como as ervas nas tapetas e nos escombros. Se um ou vários ciclos foram aparentemente interrompidos, sempre haverá a resistência de um resíduo, um grão, uma faísca, a reavivar a vide.

SL - A uva tem alta presença de água e açúcar. Não estará também presente a profundidade e, ao mesmo tempo, a doçura humana contrapondo à vertigem dos dias de hoje?

MC - O teor de açúcar não pode ser excessivo, mas no ponto certo da fermentação e essa busca desde as raízes a profundidade para decantar a alma das uvas. Os dias não são vertiginosos, mas lentos. Nós é que apressamos as coisas, a comer frutos ácidos e a beber vinagre em vez do vinho.

SL - O que vem agora?

Agora, talvez, seja a oportunidade de editar meu livro *O Herói Desvalido*, sem armadura, todo exposto em suas desvantagens, o herói vulnerável do dia-a-dia.



LITERÁRIO

POESIA

Oitavo livro de Maria Carpi, é um revelador canto de amor ao homem, às estações e às vinhas. O afeto, a alegria da degustação e, sobretudo, a fascinante aventura do cultivo à taça de vinho fazem de *As sombras da vinha* um livro essencial e indispensável.

As sombras da vinha, de Maria Carpi – Bertrand Brasil, 2005. 224 páginas. R\$ 29,00.

89

Da poesia, a beleza
pássara tem arrimo
no coração desmedido
do poeta. No entanto,
a verdade ali fundada
ergue-se vinhedo,
a cobri-lo pequenino.

52

Como a tenho em rupturas,
em cicatrizes, essas sombra inconsútil.
Como a tenho em remendos
e enxertos a que eu seja-lhe
o invólucro externo, armadura
de pele e erros e ela no dentro
intacta. E o léxico, andrajos
cerzidos, a rudez da íntima
nudez, as palmas submersas.

77

Uma tapera aguça-me as vinhas,
Acendendo-lhe a respiração extinta
a que bichos e elementos bravios,
com o descampado em torno,
percebam que alguém de penúria
extrema retomou do lar o fogo.

Abril foi um mês privilegiado para a Literatura. Além das datas definitivas acolhidas em seus dias, o lançamento do livro *As sombras da vinha* da poeta Maria Carpi tornou o outono gaúcho mais sensível. Criadora incansável, tem vários livros prontos, daqueles que podem ir direto para a impressão e de lá cumprir o ritual das livrarias até chegar as nossas mãos. Do que talvez venha a ser o próximo, *O Herói Desvalido*, Maria entrega a todos nós três poemas inéditos.

O herói desvalido não escolhe
o ventre em que nasce, imerso
desde então em salgadas marés.
Mas escolhe e escava onde

residirá sua ossatura, sem
as cinzas da carne e da lívida
escritura. Em cada vértice,
escolhe. Em cada ângulo,

escolhe. Em cada bifurcação,
escolhe. A dor nunca lhe foi
imposta, mas amante desposada.
A escuridão nunca lhe foi

cuspidada na cara, mas dos olhos
lume alteando-se na escolha
reiterada. E foi-lhe arma não
ter armas, desde aquelas águas

elegidas em parceria para um
pôr-se a nu, sem encosto,
na morte. Seu mais alto mirante
e manga de pombos que voam.

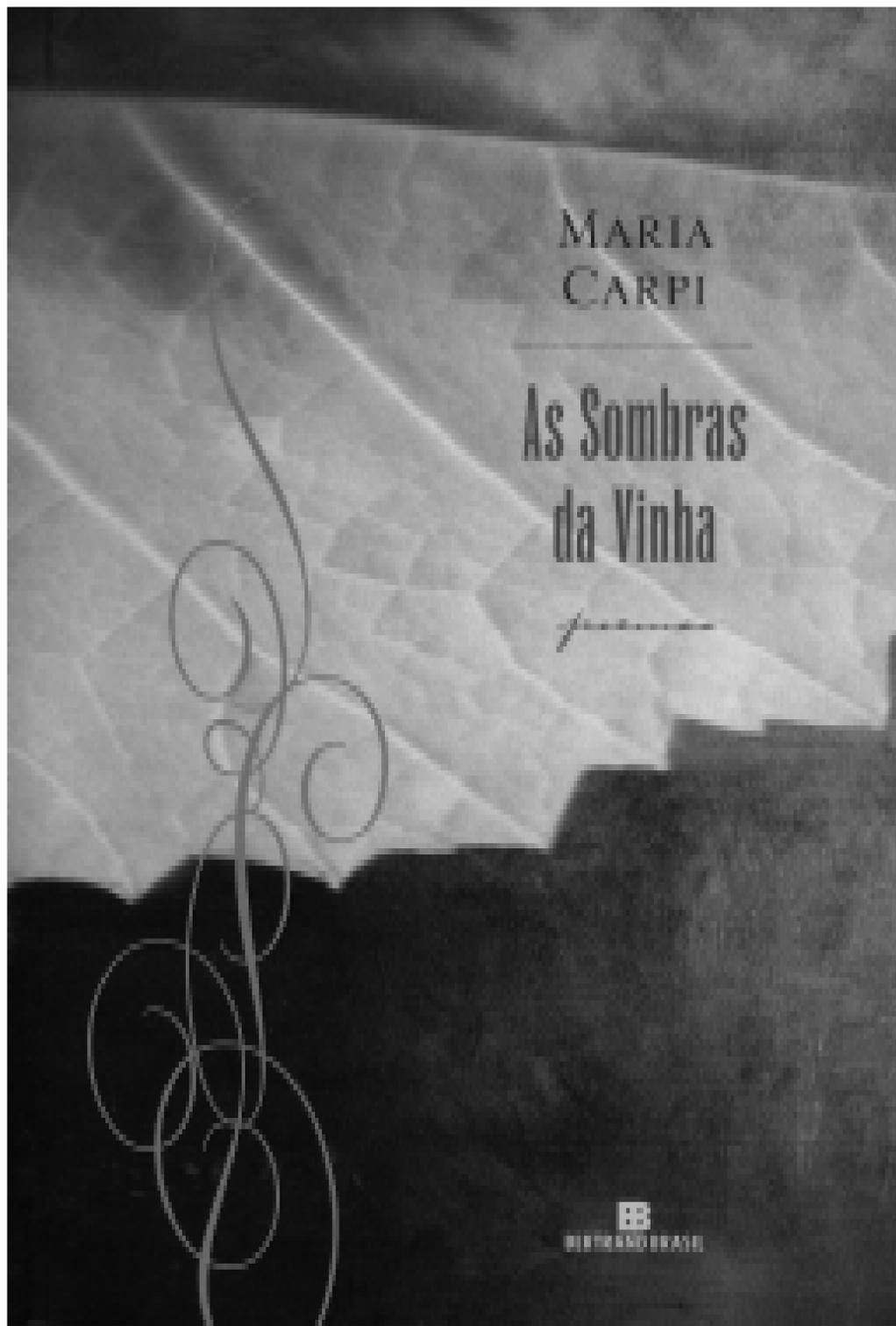
Este é o sinal :

nunca acabar
de à porta bater.

Nunca acabar
de a porta arrombar.

Nunca acabar
de ser a porta.

Cair em virtudes
é mais terrível
do que subir em vícios,
acrescentando teor
ao vinho e ao sorvo.
Não há levantes
nem recaídas.
E ninguém acode.
Não há senões
nem interregnos.
E ninguém levanta.
Não gera prole
nem coadjuvante
da estrita liturgia.
Cair em virtudes,
com o céu precipitado
em farelos do cair,
desmoronado
em hóstias do cair,
ninguém acode,
ninguém levanta,
ninguém se compadece.



LITERÁRIO

O Mapa da Mina

Depois de fechar a curva, nas pontas do arco-íris, reza a lenda, há sempre um pote de ouro à espera de quem o encontre. Protegidos por duendes com suas roupas coloridas, a história vai passando de geração em geração com o mesmo brilho nos olhos de quem conta e daqueles que a escutam, sonhando em pôr nas mãos um punhado de moedas. História contada, primeiro à fantasia. O primeiro sinal de vida da literatura na vida da criança. Os primeiros sonhos começam a freqüentar o universo até então repleto de bolinhas de várias cores, brinquedos para serem montados e desmontados, e uma quantidade incontável de jogos e aparelhos fazedores de graça.

Final, o quem tem a ver um pote de moedas de ouro com livrarias, mapas de ruas da cidade, nomes estranhos, alguns esquisitos outros conhecidos com formatos diversos, uns mais finos outros mais grossos, a maioria em preto e branco e cheio de palavras escritas, muito poucos com tantas cores e quase sem texto, que levam milhões a procurá-las todos os dias até fazê-las parte de seus cotidianos? Histórias contadas, o princípio, o toque de Midas para a imaginação. Da voz falada para a voz escrita, o livro nas mãos.

O Mapa da Mina é esse toque especial que cada um pode receber ao ter um livro nas mãos, sentir, primeiro, sua textura, depois, a aventura da descoberta ao passar os olhos por cada página aberta e, enfim, entrar no universo ali escancarado através da leitura. Um passeio pelas ruas de Porto Alegre é um programa que irá surpreender. De repente, ainda que em zona central, está escondida em um corredor ou em uma fachada antiga nomes que têm o poder de ter dentro de si a capacidade de querer transformar o mundo. As livrarias, elas estão com suas portas abertas, ou à espera de um simples baixar o trinco e o lento caminhar de um leitor em busca de um livro.

Esta é a nossa aventura, que começa nesta edição, a de mostrar alguns destes lugares que são verdadeiros arco-íris com uma vantagem: quem a encontrar sempre terá um pote de livros para usufruir. O roteiro, ainda impreciso, começa no centro da grande cidade.

LIVRARIA DO GLOBO: Tradicional livraria desde dezembro 1883. É parte da história de Porto Alegre. Em seu interior abrigou nomes expressivos da literatura gaúcha, editou clás-

sicos, criou a *Revista do Globo*, onde Erico Verissimo iniciou sua carreira. Como tradutora, tinha em seus quadros Mario Quintana. Localizada em ponto privilegiado no centro de Porto Alegre, o *footing* ainda é parte da sua vida. Hoje, modernizada, acompanha o que há de mais essencial para atrair não apenas clientes, mas pessoas que continuam fazendo do nº 1416 da Rua dos Andradas, a nossa Rua da Praia, um ponto de encontro.

Telefone: 51 32866000 ou visite o site www.livrariadoglobo.com.br

VENTURA LIVROS: No mercado desde outubro de 1994, consolida um modo de ser e de trabalhar. Desde o início, o tratamento diferenciado, personalizado para um público formado por estudantes universitários e professores. Livros por encomenda e aos domingos, os livros usados estendidos no Brique da Redenção ampliou as atividades. Depois, três anos na Usina do Gasômetro até chegar a Marechal Floriano 439. O público diversificou, a loja próxima à calçada tornou-se mais vista. Em seu interior, os livros estão ganhando espaços generosos em cada área. Entre os mais vendidos, os de auto-ajuda, religião, filosofia. E também com um serviço de tele-entrega. Ao chegar na livraria fale com o Gustavo e com o Edegar. Você sairá recompensado, e com um livro na mão.

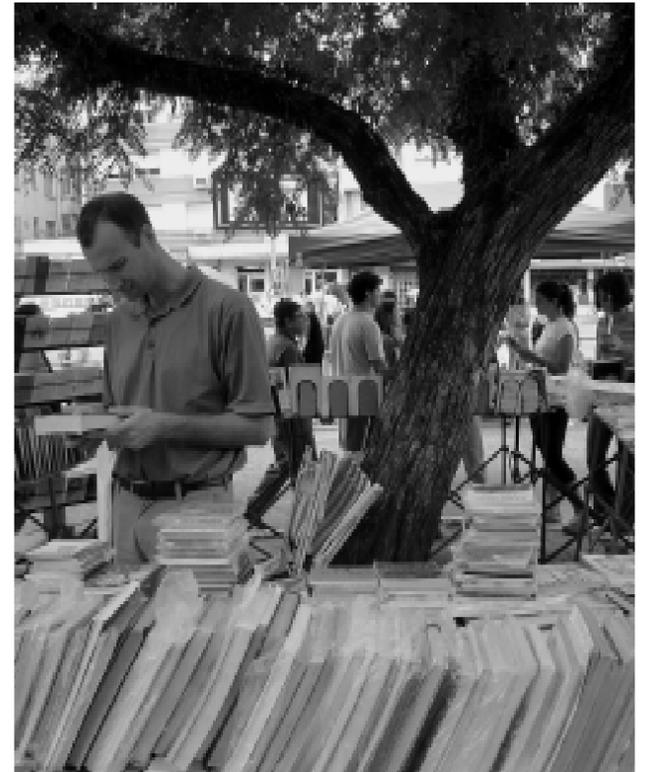
Local: Rua Marechal Floriano 439. Telefones: 51 32267075 e 32253505.



DANTE COMPRA E VENDA DE LIVROS NOVOS E USADOS:

Os generosos galhos do Ipê recebem em sua sombra estantes de livros há pelo menos cinco anos. O Brique da Redenção é o abrigo de Marcelo Martins Grubel para as centenas de volumes que todos os domingos são visitados e vendidos para um público ávido por livros, pouco importando se são usados. O critério de estar em bom estado é o requisito mais importante, junto com as listas de pedidos que os clientes trazem. Os mais pro-

curados são os de Clarice Lispector, o da geração *beat*, como Jack Kerouac, ou *O apanhador nos campos de centeio* de JD Salinger. Outro



clássico procurado é *Grande sertão veredas* de Guimarães Rosa. Quem não puder ir aos domingos, Marcelo e sua família estão no mesmo local desde 1993 na Feira dos Sábados.

Local: Rua José Bonifácio, o primeiro expositor a partir da João Pessoa. Para não errar, olhe para a árvore e você irá encontrar os livros.

LIVRARIA LONDRES: O nome é sugestivo, a placa mostra Sherlock Holmes e seu inseparável cachimbo. Desde 1980 instalada no bairro Bom Fim, a Londres é especialista em livros e revistas. Para todos os gostos. Lá, o leitor mais exigente irá encontrar livros que muitas vezes são difíceis de serem encontrados. Uma visita ao ambiente repleto de publicações por todos os lados é um estímulo e tanto à leitura.

Local: Avenida Osvaldo Aranha, 1182.



LITERÁRIO

Abril: O mês do Livro

Uma estrela brasileira



O Dia Nacional do Livro Infantil é comemorado em 18 de abril em homenagem a Monteiro Lobato, nascido nesse dia em 1882. Famoso pela criação de Jeca Tatu, personagem marcado pela fatalidade, o escritor evoluiu no seu ponto de vista sobre o atraso social do cam-

ponês brasileiro e nos deixou, em 1947, a obra *Zé Brasil*, personagem consciente das causas da própria miséria. Isso se deve à mudança política do escritor que, nessa época, já era filiado ao Partido Comunista.

Advogado e promotor público, colaborou com o jornal *O Estado de São Paulo* e com a *Revista do Brasil*. Foi contrário às idéias da Semana de Arte Moderna. Tentou a carreira editorial com a Editora Monteiro Lobato sem sucesso. Depois de ser adido comercial em Nova Iorque, volta ao Brasil e funda a Cia. Brasileira de Petróleo, revelando-se um combativo nacionalista.

Mas a notoriedade de Monteiro Lobato se deve, principalmente, ao fato de ser um dos precursores da literatura infanto-juvenil. É por ela que ele é conhecido, reconhecido e popularizado, inclusive em adaptação para a TV. Uma das grandes contribuições da obra lobatiana é a brasilidade, marcante em sua obra, mas que abrange também o diálogo com a literatura universal.

O *picapau amarelo*, a obra mais conhecida do escritor dialoga com D. Quixote, com os mitos gregos como a Medusa e Netuno, com outros personagens literários como o Capitão Gancho, a Cinderela, o Pequeno Polegar, etc... enriquecendo e universalizando o texto.

Em *Memórias da Emília*, o autor usa a metalinguagem, ou seja, é narrado o processo da escrita, os limites da ficção e da realidade.

Na literatura para adultos, Monteiro Lobato escreveu contos e folhetins, como *O presidente negro*, no jornal carioca *A Manhã*. Trata-se de uma narrativa futurista que aborda o racismo e o feminismo, em hipotéticas eleições do 88º presidente dos Estados Unidos em 2228. Tudo isso o autor concebeu em 1926.

Ainda para adultos, temos os livros *Urupês*, *Cidades mortas* e *Negrinha*, contos cujo cenário é quase sempre Itaoca, cidade do interior paulista, decadente, miserável e manipulada por políticos corruptos. Talvez por esse motivo, Monteiro seja rotulado de regionalista. Mas já vimos como ele se relaciona com a literatura universal. Isso nas décadas de 20, 30 e 40 do século passado. Podemos, então, considerá-lo vanguarda na literatura e na política. É, sem dúvida, um dos maiores escritores brasileiros, com trânsito em todas as idades. Uma das estrelas que povoam o nosso abril literário.

Referência bibliográfica: Monteiro Lobato. In: *Literatura comentada*. Abril Educação, 1981.

O gênio do conto de fadas

Hans Christian Andersen—200 anos

Nascido em Odense, Dinamarca, em 02 de abril de 1805 e falecido em 1875, Hans Christian Andersen, é um dos iniciadores da literatura para crianças. São contos, inicialmente baseados no folclore de sua cidade natal, depois criados a partir da própria experiência, mas também originários de uma fértil imaginação.

De origem humilde, filho de um sapateiro e de uma lavadeira, teve no pai, homem culto e grande leitor, um exemplo nessa área. Aos 14 anos, muda-se para Copenhague, fugindo do estigma de ser homossexual, feio, pobre e ridicularizado pelos jovens de sua cidade. Parte para ganhar a vida na capital. Em Copenhague, trabalha no teatro, recebe ajuda financeira de um diretor teatral para estudar. Forma-se na universidade, faz traduções e escreve peças de teatro, novelas e poesia até se descobrir como autor para crianças.

Quem nunca ouviu falar dos contos *O patinho feio*, *A pequena sereia*, *O soldadinho de chumbo*, *A roupa nova do imperador*? Mesmo quem não leu essa histórias, conhece “de ouvir falar”. São narrativas já enraizadas no nosso imaginário. Por que elas fazem tanto sucesso?

Podemos atribuir à vida do autor, à experiência de ser “diferente”, a temática recorrente da rejeição como o soldadinho de chumbo, pernetta e infeliz no seu amor à bailarina, com final trágico, pois os dois queimam na lareira da casa onde caem devido a uma forte ventania. E a pequena sereia que arriscou tudo por amor ao príncipe que havia salvo do mar perdeu seu amor e sua identidade transformando-se em nuvem para, depois de trezentos anos, conquistar uma alma imortal.

Andersen, homossexual e por isso discriminado, escreveu sobre a dor do amor, com personagens infelizes como ele, com exceção do patinho feio que se transforma em cisne, num final mágico. Sobre esse final feliz em *O patinho feio*, o psicanalista Bruno Bettelheim, estudioso dos contos de fadas, abre uma polêmica, afirmando que essa solução não é benéfica para as crianças já que, na vida, os “diferentes” não se transformam magicamente e não são aceitos pela sociedade.

O que predomina, no entanto, é a corrente que o considera inovador, pois escreveu sob o ponto-de-vista da criança. Um significativo exemplo disso é *A roupa nova do imperador*, em que nenhum adulto, somente uma criança teve coragem de dizer que o rei estava nu, exemplificando que a sabedoria não está somente na velhice, mas também na infância. Essa história é uma das mais inteligentes metáforas, de caráter universal, lida e vista, pois existem várias adaptações dela para o teatro.

A obra de Andersen foi traduzida em 146 idiomas e, sabemos, cada patinho feio, cada soldadinho de chumbo, cada pequena sereia é diferente em cada tradução, em cada leitura. Esta riqueza de diversidade na sua essência universal faz da obra de Andersen um clássico da literatura para crianças, seduzindo, porém, leitores de todas as idades. Por tudo isso, o dia 02 de abril é o Dia Internacional da Literatura Infantil. Neste 2005, a comemoração é maior: o bicentenário de seu nascimento.

Bibliografia: *Enciclopédia Universal da Fábula: fábulas, mitos, lendas e contos populares*, volumes 18, 19 e 21. Sites: <http://www.paralelos.org/out.03/000486.html> <http://www.alohacriticon.com/viajeliterario>

Dia Mundial do Livro tem nome: Cervantes e Shakespeare

O Dia Mundial do Livro se comemora em 23 de abril como uma homenagem a Cervantes e Shakespeare, mortos em 23 de abril de 1616. Os dois escritores são clássicos quase populares. Mesmo quem não os leu, ouviu falar em Shakespeare, no amor impossível de Romeu e Julieta, no D. Quixote de Cervantes. Ou na palavra quixotesco para caracterizar a utopia, o impossível, o sonho. De Romeu e Julieta existem várias versões teatrais e cinematográficas, inclusive uma ambientada na atualidade: o filme brasileiro *O Casamento de Romeu e Julieta*, uma sátira com final feliz. É popular também a frase “ser ou não ser, eis a questão”, da fala de Hamlet, personagem da peça homônima de Shakespeare.

Contemporâneo de Shakespeare, Cervantes escreveu poemas, peças de teatro, novelas (*Novelas exemplares*) e o romance *Dom Quixote de La Mancha* (1605) que, neste ano, completa 400 anos. Ficou famoso por esta obra, mas também foi brilhante em *Novelas exemplares* que se dividem em idealistas, de aventuras e de acidentes perigosos.

Dom Quixote, na verdade Alonso Quixano, sai pelo mundo tendo como modelo as aventuras de cavalaria, em busca dos ideais de paz, amor e justiça. Como símbolo do sonho utópico, temos a investida dele contra os moinhos de vento, achando ser malfeitores. Há uma mistura do real com o imaginário, que termina com a volta de Dom Quixote à aldeia, já recuperado da “loucura”, voltando a ser Alonso Quixano. Existem várias interpretações desta obra que atravessa o tempo e é um dos mais importantes clássicos da literatura universal.

Também Shakespeare é homenageado neste mês, por dois motivos: nasceu e morreu em 23 de abril. Ficou famoso não só por *Romeu e Julieta*, mas também por *Hamlet*, *Othello* e *Macbeth*, que possuem diversas versões teatrais e cinematográficas. É considerado o maior dramaturgo da literatura universal. Suas obras se dividem em três fases: 1ª- comédias alegres, históricas e tragédias renascentistas; 2ª- tragédias grandiosas e comédias amargas; 3ª- peças feéricas (maravilhosas, deslumbrantes) com desfecho conciliatório. Podemos situar *Hamlet* e *Romeu e Julieta* como tragédias renascentistas (primeira fase). Já *Macbeth* pertence à segunda fase como tragédia grandiosa. Apenas para analisarmos as peças mais conhecidas.

Analisando a obra desses dois escritores clássicos, concluímos que a literatura é validada pelo tempo e pelo espaço. Shakespeare e Cervantes atravessam as épocas, a diversidade cultural e se adaptaram a outras linguagens como o cinema e teatro (no caso de Cervantes) cinema no caso de Shakespeare. E, guardadas as proporções, são “conhecidos” popularmente, como Freud e seu complexo de Édipo, do qual todo mundo fala.

Bibliografia: *Enciclopédia Mirador* – volumes 5 (pg. 2259 e 2260) e 9 (pg. 10386, 10387, 10388 e 10389)

Maria Tereza Zatti

LITERÁRIO

CONTO

Despertares

Sergio Napp*

Mais uns instantes e ela dobrará a esquina. A blusa branca, a saia azul, a mochila às costas, os cabelos distribuídos em tranças, o riso maroto. A menina. Todas as tardes, naquela hora, dobra a esquina em direção à casa. Todas as horas, de todos os dias, o homem no outro lado da rua, na casa em frente à dela, o homem a vigia. Cada passo, cada movimento. O gesto afastando o cabelo dos olhos, a maneira como carrega a mochila, o modo do andar descompromissado, com quem ela fala, o movimento dos lábios, o balanço das cadeiras, tudo o homem observa. Tudo ele sabe de cor. A menina é sua razão e seu desatino. Ele sabe e disso se alimenta. Houve um tempo em que ainda se questionava, buscava explicações, procurava um mínimo de sensatez em suas atitudes. Não mais. Nos dias que correm, é fato consumado. Não discute com o espelho, não carrega culpas pelas noites insones, simplesmente aceita. A menina o consome, dela o homem se nutre, mesmo que ainda e apenas em sua imaginação. Ele a vê batendo à sua porta, ele a vê entrando, tirando a roupa, oferecendo-se. Ele a toma, e é como se realidade fosse, ele a possui, desfolha a pequenina rosa pétala por pétala, lambe-lhe o corpo, gruda-se em sua boca e sente –divina e delicada– a língua e seus humores. Há noites em que é a menina que o toma, esfrega-se em seu corpo, enrosca-se em seus pelos, desliza em suas pernas másculas, arranha seu ventre e quando o homem, sem forças para respirar, quase se esvaindo em lágrimas, a menina o submete de vez, gruda a boca em seu sexo e o leva à loucura. Na manhã seguinte, e em todas os dias que se seguirão, o homem se postará à janela para vigiá-la.

A menina adivinha, sabe, é dobrar a esquina e os olhos do homem irão grudar-se nela. A menina sente o bafo do homem, percebe a baba gosmenta que escorre em todas as horas de todos os dias. Por isso, no

momento em que dobra a esquina, diminui o passo, arruma os cabelos lentamente, balança um pouco mais os quadris. Se ocorre de encontrar outros de sua idade pára e conversa. Ouve histórias e ri, passando a língua pelos lábios como se os acariciassem. E se a amarelinha se desenha na calçada, ela pula várias vezes para lá e cá. E se acontece de ventar ela rodopia junto e permite que a saia se alce exibindo, sem que isso a perturbe, um pouco mais de seu corpo. A menina sabe, mais cedo ou mais tarde, dará para o homem. Não da forma como ele imagina, mas do seu modo. E a seu tempo. E enquanto o momento não se apresenta, ela se permite algumas compensações. O urso de pano, de olhos brilhantes, que ela encontrou à sua porta em uma das tardes em que voltava da escola e que ela adivinha, com sensatez, de onde viera. Ela o acarinha, ela o beija, ela o carrega de um lado para outro enquanto dentro de casa, dorme abraçada a ele. Ou o delicado colar de pedras coloridas que ela encontrara envolvido em papel de seda ao dobrar a esquina numa tarde de inverno. Sempre que volta para casa a menina abre a gaveta do armário e o apanha. Coloca-o e se intui uma dama. E imagina criados a satisfazerem suas vontades, vestidos novos, sapatos de salto, jóias de verdade. E todos estes criados têm o mesmo rosto. Do homem. A menina sabe, um dia. Mas antes que esse dia chegue é preciso que se prepare. Por isso, quando todos dormem, ela se levanta, acende a luz do quarto, abre as cortinas que protegem a janela, e se despe lentamente. E acaricia os pequenos seios em formação. E desce as mãos, de um jeito suave, pelo corpo até o meio das pernas. E descobre, a cada noite, novos pelos. E sorri deliciada. Do outro lado da rua há um homem, provavelmente em transe. E tudo deve ser feito para que este homem arda e se esvaia cada vez e sempre até o dia em que ela bater-lhe à porta

POEMAS NO ÔNIBUS

São treze edições para não deixar dúvida. Os passageiros da frota coletiva de Porto Alegre já os conhecem de longe. Antes mesmo de entrar em um dos tantos veículos para os seus deslocamentos, eles estão prontos, esperando serem lidos. Com uma vantagem, nunca é cansativa. Não tornou-se rotina. Este ano, a inovação. Mais uma. Além dos selecionados, os poetasa consagrados foram, como sempre, escolhidos a dedo. A diferença: as poesias estarão nos adesivos com os escritos à mão. Você poderá ler Adélia Prado, Thiago de Mello, Affonso Romano de Sant'Anna, Manoel de Barros ou Antonio Cícero de próprio punho. Poesia contemporânea e sensibilidade à disposição dos leitores. Sem esquecer os nossos autores escolhidos, que a cada ano se superam em textos criativos. Uma leitura indispensável enquanto você vai atravessando as ruas e invadindo o imaginário.

Ferreira Gullar

*Meu pai**Ferreira Gullar*

*meu pai foi ao Rio
se tratar de
um câncer (que
o mataria) mas
perdeu os óculos
na viagem.*

*quando lhe levei
os óculos novos
comprados na Ulla
ele mirou-se e sorriu com
o nome da loja dobrando
a nota de compra guardou-a
no bolso e falou:
quero ver agora
qual é o
sacana que vai dizer
que eu nunca estive
no Rio de Janeiro*

* Escritor e compositor